
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

DIFERENÇAS RELIGIOSAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: ANALISANDO O ACERVO DO PNBE 2014*

Roberto Belo (PPGE/UFPE)

Resumo

Trata-se o presente trabalho de uma pesquisa realizada no acervo infantil do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2014, maior programa de compra e distribuição de livros literários do país, e que tem como objetivo contribuir para o debate e reflexão sobre identidades e diferenças religiosas na formação leitora. A literatura enquanto artefato cultural, quer seja ela classificada como clássica, popular, infantojuvenil ou outra, é necessariamente atravessada pelos elementos e lógicas – símbolos, personagens, representações, conceitos e crenças, inclusive religiosas – que permeiam o horizonte imaginário de uma comunidade linguística. Nossa metodologia foi desenvolvida através de uma pesquisa exploratória, ou seja, análise de dados a partir da Teoria do Discurso, na perspectiva francesa de Análise do Discurso de Dominique Maingueneau, que vai além da estrutura textual, considerando os vários elementos constitutivos do texto/discurso. A problemática da diversidade/diferença cultural assume aspectos e nuances bastantes próprias nos contextos latinoamericanos, e especialmente brasileiro, uma vez que se trata de países de constituição colonial pré-moderna, de formação fortemente multicultural, mas, com uma reconhecida história de violência, subjugação, inferiorização e negação contra grupos e tradições culturais até recentemente desprezados pelo conhecimento oficial, por exemplo, as tradições indígenas, de matriz africana, camponesas e das periferias urbanas.

Palavras-Chave: pluralismo cultural/religioso no Brasil. Literatura infantil brasileira. Identidade cultural no PNBE.

CONSTITUIÇÃO DO ACERVO

Desde sua criação, em 1997, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) vem passando por modificações, adequando-se às necessidades do leitor em diversos gêneros literários (HQ, poesia, romance, novela, teatro, etc.) e disponibilizando os melhores livros que o mercado editorial brasileiro pode oferecer. O programa é de fato uma revolução, apesar de problemas de diversas ordens, sendo os mais graves a não utilização dos livros por parte dos destinatários e a ausência de bibliotecas públicas no país.

* "Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE". Este texto baseia-se no meu Trabalho de Conclusão de Curso em Letras na UFPE, *Diferenças religiosas na Literatura Infantil Brasileira: culturas e identidades na formação leitora*, sob orientação da Profa. Dra. Ermelinda Maria Araújo Ferreira, defendido no primeiro semestre de 2015.

Tendo em vista que nossa pesquisa foca a literatura infantil brasileira, selecionamos para análise deste nosso trabalho o acervo de 2014 do PNBE por ser mais atual e abrangente, alcançando todos os públicos da primeira fase da educação básica, crianças de zero até dez anos de idade, ou seja, leitores de creches (0 a 3 anos), pré-escolas (4 e 5 anos) e anos iniciais do ensino fundamental (6 a 10 anos), conforme especifica a Lei n.º 11.274/2006, que dispõe sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

Os livros do programa PNBE 2014 estão distribuídos em quatro categorias diferentes, a saber: Categoria 1 – são distribuídos dois miniacervos distintos destinados aos alunos da educação infantil até três anos; categoria 2 – são distribuídos dois miniacervos distintos destinados aos alunos da pré-escola; categoria 3 – são distribuídos quatro miniacervos distintos destinados aos alunos dos anos iniciais; e, categoria 4 – são distribuídos dois miniacervos distintos destinados aos alunos da educação de jovens e adultos. São livros com textos integrais e projeto gráfico igual aos do mercado.

Cada miniacervo é formado por vinte e cinco títulos de diferentes autores e gêneros. Há uma diversidade de temas e formatos também, além do grau de complexidade ser de acordo com o nível de desenvolvimento de cada criança, sendo levado em consideração leituras autônomas e leituras compartilhadas. Nem todas as escolas receberam todos os miniacervos, porque a distribuição está relacionada ao número de alunos matriculados, todavia, puderam conhecer o acervo completo do PNBE 2014 através do guia *PNBE na Escola: Literatura fora da caixa*, que acompanhou cada miniacervo de 25 títulos.

De forma geral, o acervo está estruturalmente distribuído em livros de narrativas por imagens, livros com narrativa de palavras-chave, livros de histórias em quadrinhos, livros de textos em versos e livros de textos em prosa.

Como exemplo de narrativas por imagens e palavras-chave, tem-se no acervo: *Lá vem o homem do saco*, de Regina Rennó; *O menino e o peixinho*, de Sônia Junqueira, ilustrado por Mariângela Haddad; *Maria que ria*, de Rosinha; *O gato e a árvore*, de Rogério Coelho; *Voa pipa, voa*, de Regina Rennó; *Nerina: a ovelha negra*, de Michele Iacocca; *Histórias da Carolina*, de Ziraldo; *O tapete voador*, de Caulo; *Palavras são pássaros*, de Angela Leite de Souza, entre outros.

Tem-se em versos as seguintes obras: *O guerreiro*, de Mary França, ilustrado por Eliardo França; *Quem tem medo de monstro*, de Ruth Rocha, ilustrado por Mariana Massarani; *Um gato marinheiro*, de Roseana Murray, ilustrado por Elisabeth Teixeira; *História em 3 atos*, de Bartolomeu Campos Queirós, ilustrado por André Neves; *A menina e o céu*, de Leo Cunha, ilustrado por Cris Eich; *Lili inventa o mundo*, de Mário Quintana, ilustrado por Suppa; *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, ilustrado por Odilon Moraes, *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, ilustrado por Ziraldo; *Bichos do lixo*, de Ferreira Gullar, ilustrado por ele mesmo; *Antologia ilustrada da poesia brasileira*, organizado e ilustrado por Adriana Calcanhotto; entre outras.

E em prosa: *Era uma vez três velhinhas*, de Anna Claudia Ramos, ilustrado por Alexandre Rampazzo; *No mundo do faz de conta*, de Fê, ilustrado por ele mesmo; *Asa de papel*, de Marcelo Xavier, ilustrado por ele mesmo; *O grande rabanete*, de Tatiana Belinky, ilustrado por Claudius; *A casa do bode e da onça*, de Angela Lago, ilustrado por ela mesma; *Abraço apertado*, de Celso Sisto, ilustrado por Elisabeth Teixeira; *A velhota cambalhota*, de Sylvia Orthof, ilustrado por Tato; *Sapo Ivan e o bolo*, de Henfil, ilustrado por ele mesmo; *Carvoeirinhos*, de Roger Mello, ilustrado por ele mesmo; *Arco-íris tem mapa?*, de Vivina de Assis Viana, ilustrado por Marilda Castanha; *Trudi e Kiki*, de Eva Furnari, ilustrado por ela mesma; *Três contos de muito ouro*, de Fernanda Lopes de Almeida, ilustrado por Cristina Biazetto; *O gato massamê e aquilo que ele vê*, de Ana Maria

Machado, ilustrado por Jean-Claude; *O garimpeiro do rio das garças*, de Monteiro Lobato, ilustrado por Guazelli; entre outras tantas obras.

Priorizamos neste nosso trabalho obras e autores brasileiros, justamente para identificarmos a visão de mundo e sobretudo do Brasil a partir de obras essencialmente nacionais. Além do texto escrito, as ilustrações e projeto gráfico foram levados em consideração. Ademais, fizemos uma análise estrutural e pragmática do texto/discurso.

REFERENCIAL TEÓRICO

A questão da diversidade cultural brasileira e de como ela é (ou não) representada e reconhecida nos documentos curriculares oficiais, nos materiais didáticos e nas práticas educativas dos cotidianos escolares vem sendo crescentemente pesquisada e debatida em diversos trabalhos acadêmicos nos últimos anos (LOPES e MACÊDO, 2011; MOREIRA e CÂMARA, 2010; CANDAU, 2010; MACEDO, 2009 e 2006). A grande maioria desses trabalhos vem sendo desenvolvida em diálogo com os debates internacionais contemporâneos a partir de perspectivas como os Estudos Culturais (COSTA, 2005), o Multiculturalismo (CANDAU, 2010), o Pós colonialismo e a Descolonização (WALSH, 2009), e a Teoria do Discurso (OLIVEIRA et al. 2013; LOPES e MACEDO, 2011; BURITY, 2010).

Todavia, como observa Candau (2010), a problemática da diversidade/diferença cultural assume aspectos e nuances bastantes próprias nos contextos latinoamericanos, e especialmente brasileiro, uma vez que se trata de países de constituição colonial pré-moderna, de formação fortemente multicultural, mas com uma reconhecida história de violência, subjugação, inferiorização e negação contra grupos e tradições culturais até, recentemente, desprezados pelo conhecimento oficial, por exemplo, as tradições indígenas, de matriz africana, camponesas e das periferias urbanas.

Diante dessa realidade, os atuais Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) indicam diretamente a questão da "pluralidade cultural" como um

dos "temas transversais" a serem trabalhados no ensino fundamental (BRASIL, 1998); assim como também os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) indicam a "contextualização cultural" (BRASIL, 2000, p. 24) e a estruturação de uma "identidade cultural" (BRASIL, 2002, p. 65) como aspectos importantes das "competências" a serem desenvolvidas pelo currículo de Língua Portuguesa.

Apesar desse reconhecimento e do conjunto significativo de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos sobre as relações entre educação e diversidade cultural no Brasil, poucos estudos têm dedicado sua atenção especificamente à questão da diversidade religiosa no campo da literatura e da educação. Duas razões que podem ajudar a compreender essa lacuna são, em primeiro lugar, a persistência da tradição iluminista na academia, a qual tende a impor um tabu sobre o tema "religião", considerado como tema que não poderia/deveria ou teria relevância para ser estudado pela ciência; e, em segundo lugar, certa confusão entre a defesa da laicidade da educação e a adoção de uma concepção determinista e normativa de secularização social (OLIVEIRA, 2011), assumindo que a defesa da laicidade da educação implica na negação do reconhecimento da presença e atuação das crenças e identidades religiosas nos espaços públicos e, especialmente, escolares.

Esse processo de negação e interdição da temática torna-se ainda mais grave diante do forte movimento de mutação e de pluralização que o campo religioso brasileiro tem vivenciado nas ultimas décadas (BURITY, 1997; OLIVEIRA, 2009). Fenômenos como a relativa fragilização da hegemonia católica na cultura nacional, a fragmentação e recomposição das identidades religiosas tradicionais, o aumento ostensivo da população evangélica/pentecostal – sobretudo nas periferias urbanas e entre professoras/es de escolas públicas – assim como da população "sem religião", a globalização de diversas identidades religiosas – especialmente de matriz oriental e espiritualista – e os crescentes movimentos de afirmação e demanda por reconhecimento das religiões de matriz africana

e indígena, entre outros, já apresentam implicações significativas para o campo curricular e para a realidade das escolas, as quais precisam ser seriamente analisadas e discutidas pelas pesquisas e debates educacionais.

O currículo de Língua Portuguesa e, particularmente, os textos literários utilizados e estudados nesse componente curricular, constituem uma referência privilegiada para a investigação sobre até que ponto e como a questão das identidades e diferenças religiosas vêm sendo trabalhada e/ou manifesta no contexto do ensino fundamental, no Brasil. A literatura enquanto artefato cultural (EAGLETON, 1997) – quer seja ela classificada como clássica, popular, infantojuvenil ou outra – é necessariamente atravessada pelos elementos e lógicas – símbolos, personagens, representações, conceitos e crenças, inclusive religiosas – que permeiam o horizonte imaginário (GLYNOS e HOWARTH, 2007) de uma comunidade linguística.

No contexto brasileiro, caracterizado pela absoluta hegemonia católica na constituição da cultura e da própria identidade nacional, as tradições literárias dominantes também se encontram fortemente embebidas pelo – embora não reduzidas ao – imaginário religioso cristão-católico, inclusive como referência para a interpretação de outros símbolos e tradições religiosas (LIMA, 1999). É possível destacar, por exemplo, a forte presença da temática religiosa em escritores/as tão diversos quanto Gregório de Matos, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Vinícius de Moraes, Ariano Suassuna, Adélia Prado, João Ubaldo Ribeiro, Ruth Rocha, Ana Maria Machado entre outros (FERRAZ et al. 2008; MAGALHÃES, 2000).

Nesta pesquisa, referimo-nos às religiões como um fenômeno inerente a cultura humana, assim como as artes e técnicas. Como é sabido, o conceito de religião não é algo original e absoluto, uma vez que fora se definindo ao longo da história, conforme já dissemos no início deste trabalho. Contudo, para não ficarmos no campo estritamente da abstração, estamos considerando a definição mais aceita pelos estudiosos da área, que

é "um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos". Como trabalhamos numa perspectiva multicultural/sociológica, optamos por não enquadrar a *religião* em definições mais fechadas, como esta pré-estabelecida por Kung (1986, p. 8 *apud* LIBÂNIO, 2002, p. 91):

> é a realização socioindividual (em doutrina, costume, frequentemente ritos) de uma relação do homem com algo que o transcende e a seu mundo, ou que abrange todo o mundo, que se desdobra dentro de uma tradição e de uma comunidade. É a realização de uma relação do homem com uma realidade verdadeira e suprema, seja ela compreendida da maneira que for (Deus, o Absoluto, Nirvana, Shûnyatâ, Tao). **Tradição e comunidade** são dimensões básicas para todas as grandes religiões: doutrina, costumes e ritos são suas funções básicas; transcendência (para cima ou para dentro, no espaço e/ou no tempo, como salvação, iluminação ou libertação) é sua preocupação.

Tomamos o termo *espiritualidade* como "a prerrogativa das pessoas autênticas que, em face do ideal e da história, constatam uma escolha axiológica decisiva, fundamental e unificante, capaz de dar sentido definitivo à existência" (FIORES, 1989, p.347 apud LIBÂNIO, 2002, p. 95). Ademais, consideramos que a "religiosidade não se vincula necessariamente a uma religião e, quando o faz, assume da religião os elementos que a satisfazem e não enquanto são tradição e comunidade" (LIBÂNIO, 2002, p. 92).

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa exploratória, ou seja, análise de dados a partir da Teoria do Discurso, conforme defendem Oliveira et al. (2013), Lopes & Macedo (2011) e Laclau & Mouffe (2001), na perspectiva francesa de Análise do Discurso, com Dominique Maingueneau (1995, 1996 e 2013), que vai além da estrutura textual, considerando os vários elementos constitutivos do texto/discurso, como a complexidade das relações entre sentido e contexto e as problemáticas da enunciação. Explica Maingueneau que

> todo **enunciado**, antes de ser esse fragmento de língua natural que o linguista procura analisar, é o produto de um acontecimento único, sua **enunciação**, que supõe um *enunciador*, um *destinatário*, um *momento* e um *lugar* particulares. Esse conjunto de elementos define a **situação de enunciação**. (MAINGUENEAU, 1996, p. 5)

Primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico, leitura e análise sistemática das principais pesquisas e trabalhos já produzidos sobre literatura, educação e identidade/diversidade cultural/religiosa no Brasil; depois, um outro levantamento bibliográfico, dessa vez, através dos catálogos editoriais e sobretudo no acervo do PNBE 2014, além de uma análise mais acurada em algumas das obras selecionadas e distribuídas às escolas brasileiras pelo programa governamental aqui explorado.

O acervo PNBE 2014 de literatura infantil possui duzentos (200) títulos distribuídos em três categorias (creche, pré-escola e anos iniciais do ensino fundamental) e em oito miniacervos (de 25 obras cada), desconsiderando a categoria jovens e adultos, conforme já explicamos. Desse volume total, selecionamos e analisamos 25% do acervo, ou seja, cinquenta (50) obras foram lidas e avaliadas.

Praticamente todos os livros brasileiros que constituem o acervo foram levados à apreciação, tendo em vista que descartamos autores estrangeiros e obras traduzidas e/ou adaptadas. Essa primeira seleção não se deu de forma aleatória, mas procuramos obras de autores e ilustradores premiados pela crítica literária e com reconhecido nome no mercado editorial; além disso, verificamos diretamente no catálogo das editoras o tema no qual o livro melhor se enquadra, dando prioridade àqueles que têm como tema transversal a Pluralidade Cultural e a Ética, conforme orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por serem mais propícios ao assunto aqui discutido.

Partindo do pressuposto de que "o contexto não se encontra simplesmente *ao redor* de um enunciado que *conteria* um sentido parcialmente indeterminado que o destinatário precisaria apenas

especificar" (MAINGUENEAU, 2013, p. 22), a análise se deu para além do código alfabético, pois entendemos que

> todo ato de enunciação é fundamentalmente **assimétrico**: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela *reconstrói coincida com as representações do enunciador*. Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável. A própria ideia de um enunciado que possua um sentido fixo fora de contexto torna-se insustentável. (Idem).

Não é nossa intenção explicar nem descrever sobre as diversas religiões existentes no mundo e presentes na vida das pessoas, sobretudo dos brasileiros, mas tão somente identificar e apontar se existe ou não referência a elas, e, assim, averiguar examinando a existência e articulação de diferentes crenças nos livros infantis brasileiros. É importante ainda acrescentar que, mesmo na ausência direta de elementos sagrados, a

> existência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso. [...] Até a existência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo (ELIADE, 1992, p. 18)

Ou seja, a questão religiosa diz respeito a todas as pessoas, independente daquilo em que acreditam (ou não), pois o homem a-religioso é resultado de um processo de dessacralização da existência humana. O *homo religiosus* faz parte da história da humanidade e da constituição do ser humano moderno. Para compreender o ser humano, faz-se necessário compreender seu universo espiritual (idem).

Além do mais, não queremos dizer com isso que os autores e/ou obras estudados fazem proselitismo de alguma religião – de forma alguma! Ou que estão escrevendo textos religiosos. Todavia, estamos dizendo que a religião está de alguma forma impregnada no imaginário popular, na cultura

de um povo, e, sendo os escritores senhores sociais não escapam das influências religiosas de sua gente; o texto literário tem em si mesmo uma cor local, características específicas de uma região, de um povo.

ANÁLISE DE OBRAS – ALGUNS EXEMPLOS

Os Sinos, de Manuel Bandeira. [1]

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino do Bonfim!...
Sino do Bonfim...

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão bate bão bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, por quem chora assim?... [...]

Inicia-se assim o livro de Bandeira, que com sua capacidade de trabalhar a sonoridade e o ritmo das palavras e de transformar o significado das coisas mais simples do cotidiano em lirismo de alta qualidade literária, sabe conquistar o leitor mais exigente, como o são as crianças. Como descreve a editora, esta edição ilustrada traz aos pequenos leitores este poema que, mesmo com seus múltiplos significados, é acessível ao público infantil, graças à forma criativa com que o autor se apropria dos signos linguísticos por meio de recursos como a repetição de palavras que evoca os sons das badaladas, o balançar dos sinos como uma música nostálgica e mágica.

Ilustrado por Gonzalo Cárcamo, ilustrador chileno (Los Ángeles), radicado no Brasil desde 1976, e publicado pela Gaudí Editorial, selo da

[1] BANDEIRA, Manuel. **Os sinos**. [Il.: Gonzalo Cárcamo]. São Paulo: Gauldi, 2012.

Global Editora, trata-se a obra de um poema originalmente publicado no livro *O Ritmo Dissoluto*, escrito na década de 1920 quando o autor morava na Rua do Curvelo, nº 53 (hoje Dias de Barros), em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, onde disse o autor ter nesse lugar "elemento de humildade quotidiano"; e, mais disse o poeta: "Não sei se exagero dizendo que foi na rua do Curvelo que reaprendi os caminhos da infância". Manuel Bandeira expressou o melhor que seu espírito de poeta pôde produzir para brincar com as palavras.

Sinos lembram anunciação ou chamamento; são instrumentos de percussão muito presentes nas igrejas, sobretudo nas igrejas católicas, sendo, por exemplo, famosos os sinos da Igreja do Bonfim, em Pirenópolis, por possuir o selo real de Dom Pedro II. Através deles o poeta faz referência direta à cidade de Belém, berço do Cristianismo. Em seguida, fala da paixão, mas não de uma paixão banal; porém, uma paixão grandiosa – Paixão, que rege a humanidade, a Paixão de Cristo; possivelmente o escritor pensa na vida de Cristo, que, segundo relato bíblico, abandonou a glória celestial por amor às pessoas; uma Paixão avassaladora que lhe custou a própria vida; daí o sofrimento.

Não se contendo com o dito, Bandeira vai acrescentando novas palavras ao jogo de linguagem que se propôs a brincar, e traz Bonfim, que nos faz lembrar do Senhor do Bonfim, que segundo a devoção católica, é uma figuração de Jesus Cristo em que este é venerado na visão de sua ascensão. No Brasil, a Igreja do Senhor do Bonfim é um dos mais importantes monumentos arquitetônicos de Salvador, além de palco para uma das principais festas religiosas do lugar.

O que se vê no texto são as múltiplas possibilidades de análises e interpretação, por isso sua riqueza de linguagem; mas, o que nos interessa e que não se pode negar é sua relação com os sentimentos cristãos que movem o mundo segundo a visão do próprio Cristianismo, sobretudo quando o poeta traz textualmente à tona termos relacionados ao imaginário da Igreja, tais como sino, que é uma metáfora polissêmica, Belém, que nos

lembra a celebração da vida, Paixão, que representa o poder sobre a morte, e Bonfim, que nos remete diretamente à figura de Jesus Cristo.

Ademais, não podemos ignorar que Manuel Bandeira mesmo não se considerando religioso, como quase todos os intelectuais, não deixa de lado a espiritualidade, a magia, o sobrenatural, a religião, porque esses elementos constituem o mundo em que habitamos e movem as pessoas. Em entrevista concedida ao jornalista Pedro Bloch, em 1964, para a revista *Manchete*, Manuel disse o seguinte sobre o tema:

> Espiritualmente… minha filosofia é a de Einstein. "Minha religião — disse ele — consiste numa humilde admiração pelo espírito superior e sem limites que se revela nos menores detalhes que possamos perceber com nossos frágeis espíritos. Essa profunda convicção sentimental da presença de uma razão poderosa e superior revelando-se no incompreensível universo — eis a minha ideia de Deus." Quando li isto, disse comigo mesmo: "É exatamente o que eu sinto". Não compreendo a negação absoluta de Deus. Como é que veio essa coisa que não começa nem acaba? Tempo infinito… Espaço infinito… Uma coisa absurda que, no entanto, existe!

O certo é que a obra de Bandeira é marcada por uma religiosidade escancarada, pois seus textos são carregados de elementos que nos remetem ao sagrado, ao espiritual, sendo mais percebidas constantemente marcas do cristianismo e, vez ou outra, das religiões de matriz africana, como nos poemas *Oração a Teresinha do Menino Jesus*, *Nossa Senhora da Boa Morte*, *Macumba do Pai Zuzé*, entre tantos outros. Ele tem uma visão cristã da vida, que é o que fica claro no referido livro, *Os sinos*, adotado pelo PNBE 2014.

O Livro dos Pássaros Mágicos, de Heloisa Prieto. [2]

Este livro presta uma sensível homenagem a aves de diferentes povos – reais ou fantásticas – presentes em diferentes culturas. Entre elas, estão o íbis (poema português de Fernando Pessoa); o pássaro do trovão (lenda

[2] PRIETO, Heloisa. **O livro dos pássaros mágicos**. [Il.: Laurabeatriz]. São Paulo: FTD, 2013.
Livro com capa em anexo, p. 115.

indígena norte-americana); o melro e o ouro (conto siberiano); o rouxinol (história sufi); as aves da Arca de Noé (história hebraica); o pássaro iworo (conto nigeriano); o fênix (história greco-romana); os abutres (lenda egípcia); e Txunô, a andorinha (conto brasileiro).

Trata-se na verdade, a obra, de uma reunião de contos; cada um relata a origem de algum pássaro, sendo cada relato cheio de misticismo e magia. São histórias sagradas. Inicialmente a autora relata o teor das histórias a serem contadas, e sua própria experiência, deixando transparecer em sua fala, certo espiritualismo no texto a que denominou de O universo alado:

> O canto da araponga lembra a batida metálica de um avião. A arara repete seu nome. Periquitos rasgam o azul do céu ao voar em desenhos harmoniosos.
> [...]
> Símbolos da paz, como as pombas, os pássaros, com suas plumas, seu canto e voo, são lembretes vivos de tempos imemoriais.
> Os textos escolhidos para esta obra são provenientes de diferentes culturas e prestam homenagem à aves, reis ou fantásticas, ou ambas as coisas.
> Voe com sua imaginação...

No conto O Albatroz, por exemplo, vê-se a presença do elemento mágico como constituinte das relações do homem com a natureza; tem-se o seguinte relato cheio de traços religiosos do povo celta:

> Pássaro imenso, adorado e protegido pelos espíritos dos ares, o albatroz pode ter poderes mágicos. Quando sobrevoava uma nau, lançava-lhe boa sorte e trazia bons ventos.
> Segundo antigas lendas marítimas, se um marinheiro por acaso matasse um albatroz, sua embarcação seria amaldiçoada irreversivelmente, uma enorme tempestade surgiria no horizonte e a morte da tripulação seria imediata.

Outro conto que nos chama a atenção por sua riqueza de elementos religiosos é o Fênix, que mostra a religiosidade na cultura greco-romana. O

texto inicia-se assim: "Há uma terra distante, abençoada pelos primeiros raios do amanhecer, onde se encontra o mais poderoso portal do céu eterno...", e continua: "...nessa terra, não existem doenças ou mortes cruéis, desespero, temor ou crimes hediondos, loucura de paixão, ódio, a cobiça; a amargura da tristeza é ausente, assim como a miséria, o descuido, a fome violenta", ou seja, é uma terra santa, perfeita, onde todos os seres vivem em perfeita harmonia com a natureza. É nesse lugar "santo" que vive o pássaro Fênix "renovado pela própria morte. Um ajudante excepcional de Febo, o deus Sol".

Quando se refere ao povo brasileiro, a autora traz uma história indígena, a lenda de Txunô, a Andorinha:

> No território do Acre, entre os indígenas Caxinuá, conta-se a história de Txunô, a andorinha.
> Bako era um garotinho que adorava brincar com andorinhas. Sempre que via uma, corria para tentar apanhá-la. Certa manhã, ele se esgueirou entre os galhos de uma árvore e, com um movimento rápido, conseguiu pegar uma bela andorinha que cantava distraída.
> - Não me mate – ela pediu ao menino, por meio de seu canto.
> - Mas eu não quero matar você – ele respondeu. – Só quero mantê-la sempre perto de mim.
> - Bako, se você tirar minha liberdade, será minha morte! – ela disse.
> - Como é seu nome? – ele quis saber.
> - Sou Txunô, a andorinha mágica. Se você me prometer a liberdade, eu o levarei para uma viagem nos céus, onde você verá todos os seus antepassados.
> Acontece que Bako sentia muitas saudades de seu avô, que partira para o outro mundo recentemente.

Outro exemplo forte que o livro nos apresenta é o texto "As aves da arca de Noé", no qual nos é apresentado literalmente o texto bíblico, dando ênfase às aves por ser o objetivo do livro: "Nos tempos em que a violência reinava entre os seres humanos, Deus disse a Noé, homem pacífico e de bom coração: - Infelizmente, Noé, nem todos são como você. A violência espalhou-se entre os seres humanos e a Terra entrou em desequilíbrio". E assim, começa a grande aventura de Noé e sua família. Um texto

puramente cristão, de um povo monoteísta, diferente de várias histórias relatadas na obra de Heloisa Prieto.

Por sua vez, no conto nigeriano O pássaro Iworo, tem-se um causo da vida de Oxum, deusa das águas doces, e através dessa personagem outras entram para dialogar, como Xangô, deus da justiça, Oxalá, deus da paz, e Olorum, deus do universo:

> Oxum, a bela deusa das águas doces, era eternamente jovem e alegre. Brincava nas fontes, às margens do rio, seu caminho mágico, sempre acompanhada de crianças, que fazia questão de proteger.
> [...]
> Certo dia, ao observar o caminhar suave de Oxum, Xangô, o deus da justiça, apaixonou-se por ela. Xangô era muito atraente e estava habituado a despertar a paixão com facilidade. Contudo, para sua grande surpresa, Oxum, a deusa menina, recusou-se a amá-lo.
> Nada pior do que um deus da justiça que se sente injustiçado. Sua ira transformou-se em raios, o fogo desceu dos céus e abriu uma fenda na terra. Arrebatado e impulsivo, Xangô raptou Oxum, pois ela simplesmente se recusava a acompanhá-lo. Na verdade, a deusa menina não queria afastar-se dos lagos e rios que amava, e, principalmente, de suas crianças.
> [...]
> Isolada, solitária, Oxum chorou muito. Felizmente, a história desse amor infeliz chegou aos ouvidos de Olurum, deus do universo. Comovido com o sofrimento da deusa menina, Olorum soprou em Oxum um pó que a transformou numa Iworo, pássaro que traz uma pluma brilhante na cabeça. Imediatamente, a pequena deusa saiu voando pela janela, feliz, em plena liberdade.
> Desse dia em diante, além de amar os rios, os peixes, a dança, as brincadeiras das crianças, Oxum passou a proteger os pássaros, considerados seus mensageiros.

O livro traz um pluralismo religioso muito interessante para ser discutido em sala de aula. Não privilegia nenhuma crença em particular nem defende uma visão religiosa. Infelizmente, trata-se de um livro com pouco mais de setenta páginas, sendo impossível alcançar todas as culturas; mas o livro é democrático e não defende uma história em detrimento de outras, ou seja, não há valorações hierarquizantes entre as religiões.

Carmela Vai À Escola, de Adélia Prado. [3]

Adélia Prado é conhecida pelas suas obras poéticas destinadas aos adultos; escreveu pouco para crianças, mas o pouco que escreveu vem repercutindo no mercado editorial brasileiro e conquistando esse novo público. O livro em questão trata-se de alguns acontecimentos narrados de quando a autora era criança e frequentava a escola.

Escrito em primeira pessoa, o livro mais parece um diário; assim começa a prosa de Adélia Prado: "Eu entrei para a escola quando fiz sete anos. Era ano de mil novecentos e quarenta e dois e acontecia no mundo uma guerra horrorosa, com os alemães querendo o mundo inteiro para eles".

A autora traz lembranças de situações vividas e imaginadas à época. Diante dessas lembranças, Adélia revela o clima religioso que dominava as escolas e também suas crenças em relação ao sagrado. Há no texto forte presença do catolicismo brasileiro, cheio de símbolos e rituais próprios do cristianismo:

> Dona Nadir Malheiros está viva até hoje, graças a Deus! Dona Maura Lopes, esta era ótima pra aula de religião, a melhor de todas para ler estórias da Bíblia. As melhores coisas da escola eram aulas de bibliotecas, de religião e os auditórios. Enquanto minha mãe foi viva me xingou de 'menina saliente'. Acho que eu era o Marcantônio dela. Com certeza eu era mesmo, pois sem parar me chamavam pra fazer parte do auditório. E para quê? Pra recitar poesia.

Em outro parágrafo, relata a menina/narradora:

> Hoje estou cheia de lembranças, a mãe, os biscoitos e o pai pelejando pra ajudar seo Agostinho desesperado, fazendo sinais pra ele do lado de fora da nossa cerca, o olho muito arregalado por causa da dentadura encravada que não saía nem a pau. Dona Perpétua, a mulher dele, rezava de mãos postas para aquela agonia acabar bem. E acabou mesmo, meu pai mostrando bem no alto a dentadura do seo Agostinho e falando mais alto ainda: Louvado seja Deus! Olha a bicha aqui, seo Agostinho. Hoje o senhor viu o russo!

[3] PRADO, Adélia. **Carmela vai à escola**. [Il.: Elisabeth Teixeira]. Rio de Janeiro: Cameron, 2013.

O livro não esconde a profissão de fé da autora, pelo contrário:

> A melhor lembrança da minha primeira escola é esta: estava no terceiro ano e era dia da aula de religião, que começava ótima. [...] Dona Maura leu pra nós aquele dia a estória que Jesus contou sobre o rei Salomão e os lírios do campo. Puxa vida! Me brotou uma alegria tão grande que só fiquei sentindo, sentindo, sentindo aquela beleza escondida que aparecia pra mim como um tesouro que seria meu para sempre.

O cristianismo está presente desde a primeira página da história, inclusive na capa do livro impregnado no nome *Carmela*, que é de origem cristã e significa "jardim de Deus".

A verdade é que os textos literários de Adélia Prado retratam o cotidiano com perplexidade e encanto, norteados pela fé cristã e permeados por aspectos lúdicos. O conjunto de sua obra revela nitidamente uma autora de fé católica que não esconde o apego a religião, nem por isso seus livros são catequéticos ou ingênuos do ponto de vista religioso; sua obra é religiosa porque testemunha o latejar do mistério da vida, como deixa transparecer no poema *Guia*, do livro *Poesia Reunida*, publicado em 1991.

Ou ainda em *Saudação*: "Ave, Maria!/ Ave, carne florescida em Jesus./ Ave, silêncio radioso,/ urdidura de paciência/ onde Deus fez seu amor inteligível!"; *Parâmetro*: "Deus é mais belo que eu./ E não é jovem./ Isto sim, é consolo"; *Direitos Humanos*: "Sei que Deus mora em mim/ como sua melhor casa./ sou sua paisagem,/ sua retorta alquímica/ e para sua alegria/ seus dois olhos./ Mas esta letra é minha", entre tantos outros poemas e textos nos quais Prado deixa evidente sua devoção a Deus, trazendo sobretudo elementos da igreja católica.

RESULTADO DAS ANÁLISES

A partir da análise feita, constatamos a presença de vários elementos religiosos na literatura infantil brasileira, tais como: nomes de personagens, cenário, devoção, petição, confissão, fugacidade deste mundo, entre

outros, além de símbolos e conceitos. Percebemos certa rejeição por parte dos autores em demonstrar qualquer pertencimento religioso em suas obras, sobretudo nos livros mais recentes; todavia, os textos não escaparam da religiosidade que move as pessoas, a sociedade, pois, mesmo monitorando seus discursos, os autores demonstram em algum momento traços de alguma religião/espiritualidade em relação ao desconhecido, ao sobrenatural.

Partindo da percentagem analisada, 25% do acervo do PNBE 2014, podemos mensurar que a religião cristã, sobretudo católica, é mais recorrente na escrita dos autores brasileiros, que deixam escapar algum elemento e/ou símbolo que nos remete ao Cristianismo. Há forte presença na literatura brasileira de rituais católicos, tais como missa, reza, cruzes, padre, freira, templos, etc. Isso não quer dizer que esses autores sejam católicos professos ou que não apresentem traços de outras crenças religiosas.

Queremos dizer, entretanto, que há sim diferenças religiosas na literatura infantil brasileira, embora se tenha grupos mais bem representados, mais recorrentes no acervo, caso da Igreja Católica e do Humanismo[4], que mostra-se nos discursos como uma filosofia de vida, mesmo a sociedade imersa num mundo contraditório e conflituoso, impõe uma mensagem pacífica entre os povos/grupos e essencialmente harmônica, como se não houvesse o contraditório, assim como pregam algumas religiões.

Verificamos que os autores mais antigos, reeditados e adotados pelo PNBE 2014, como Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Adélia Prado, autores com sólida obra publicada para adultos e que vêm escrevendo para crianças ou sendo adaptados, demonstram mais abertamente certa influência

[4] Entendido como um conjunto de doutrinas fundamentadas de maneira precípua nos interesses, potencialidades e faculdades do ser humano, sublinhando sua capacidade para a criação e transformação da realidade natural e social, e seu livre-arbítrio diante de pretensos poderes transcendentes, ou de condicionamentos naturais e históricos.

religiosa, trazendo textos, imagens e conceitos relacionados ao sagrado, sem, contudo, serem catequéticos ou proselitistas.

Bandeira, por exemplo, escreveu seus textos numa época em que o catolicismo era praticamente a religião oficial do Estado, pois, apesar da presença de outras denominações/instituições religiosas como apresentamos em capítulo específico, inclusive sob o olhar do jornalista e literato João do Rio, tem-se a hegemonia da Igreja Católica. E mesmo não sendo devoto confesso, Bandeira faz uso dos elementos, símbolos e definições do sagrado nessa perspectiva cristã.

No conjunto dos livros examinados, vê-se que o cristianismo é a religião mais presente no discurso dos autores, como observamos nos livros *Bichos do lixo*, de Ferreira Gullar, *A velhota Cambalhota*, de Sylvia Orthof, *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, *Histórias de cantigas*, de Celso Cisto, *Será mesmo que é bicho*?, de Angelo Machado, *Os invisíveis*, de Tino Freitas, *Dois gatos fazendo hora*, de Guilherme Mansur, entre outros autores e obras, como Ruth Rocha e Ana Maria Machado.

Há poucos autores explorando a cultura indígena, mas esses poucos estão tratando a temática de forma real e não folclorizada; trazem inclusive diretamente os rituais religiosos cultivados pelas tribos; obras *como Karu Taru: o pequeno pajé*, de Daniel Munduruku, e *Estórias de Jabuti*, de Marion Villas Boas, são bons exemplos. Nesse mesmo sentido, tem-se pouca coisa no acervo relacionada às religiões de matriz africana; encontramos praticamente nada, excetuando alguns pequenos contos, como o *O pássaro Iworo* encontrado n*O livro dos pássaros mágicos*, de Heloisa Prieto; isso se deve, talvez, pelo fato do PNBE possuir um subprograma específico para esses temas, o PNBE Temático, que seleciona obras específicas sobre o assunto, conforme explicamos no capítulo sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola.

O interessante é que, como os autores tentam fugir das influências religiosas presentes na sociedade, sobretudo das religiões de reconhecidos nomes, suas obras ficam claramente atravessadas por um certo

espiritualismo e/ou humanismo, que é a nova tendência mundial, inclusive do mercado. Quase todos os livros são carregados de elementos que são valorizados e difundidos pelo movimento da Nova Era, que tem como característica uma fusão de ensinos metafísicos de influência oriental, de linhas teológicas, crenças espiritualistas, animistas e paracientíficas, com uma proposta de um novo modelo de consciência moral, psicológica e social além de integração e simbiose com o meio envolvente, a Natureza e até o Cosmos. Tendo muitas vezes como base um caráter liberal e de oposição à ortodoxia e ao conservadorismo das religiões organizadas.

Outra coisa que nos interessou bastante, mas não sendo novidade nem de forma geral, foi o fato das obras possuírem forte teor pedagógico e moralista, mesmo não sendo intenção dos autores; além de alguns textos simplórios demais para o público a que se destinam.

Chama-nos a atenção o fato de não encontrarmos diretamente elementos relacionados aos evangélicos, uma vez que são, como vimos, o grupo que mais cresce no Brasil; no entanto, isso não nos causa estranhamento porque o crescente número de evangélicos no país é coisa recente, a presença deles vem sendo notada a partir da década de 1980 e 1990, sendo eles, inclusive, o principal fator de pluralização do campo religioso, e os autores das obras analisadas são em sua maioria oriundos da década de 1930-1960.

No mais, o acervo do PNBE 2014 está repleto de elementos religiosos, como já era esperado por nós, tendo em vista que nenhuma obra de arte está isenta de aspectos culturais e nenhum autor despido de ideologias, sejam essas filosóficas, sociológicas, religiosas, etc.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio).** Brasília: MEC, 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Brasília: MEC, 2002.

BURITY, Joanildo A. **Identidade e política no campo religioso**. Recife: Editora Universitária, 1997.

CANDAU, Vera. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A; CANDAU, V. **Multiculturalismo. Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2010.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura:** uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERRAZ, Salma, et al. **Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia.** Belém: UEPA; Campina Grande: EDUEPB, 2008.

FIORES, Stefano de. Espiritualidade contemporânea. In: FIORES, Stefano. de & GOFFI, Tullo. (Orgs.). **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989.

GLYNOS, Jason; HOWARTH, David. **Logics of Critical Explanation in Social and Political Theory**. London/New York: Routledge, 2007.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and Socialist Strategy: Toward a Radical Democratic Politics.** London: Verso, 2001.

LIBÂNIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

LIMA, Heloisa P. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In. MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília, MEC, 1999.

LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo.** São Paulo: Cortez, 2011.

MAGALHÃES, Antônio. **Deus no Espelho das Palavras. Teologia e Literatura em Diálogo.** São Paulo: Paulinas, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____, Dominique. **Elementos de lingüística para o texto literário.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.

MOREIRA, Antônio; CÂMARA, Michele. Reflexões sobre currículo e identidade. Implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A; CANDAU, V. **Multiculturalismo. Diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson. **Pluralismo e novas identidades no cristianismo brasileiro**. 2009. 401f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

_____, Gustavo Gilson. A pluralização do campo religioso no Brasil e em Pernambuco segundo o Censo 2010. In: **Que Cazzo é Esse?!!,** 12 ago. 2012. Disponível em: <http://quecazzo.blogspot.com.br/2012/08/a-pluralizacao-do-campo-religioso-no.html> Acesso em: 26 mai. 2015.

_____, Gustavo Gilson; OLIVEIRA, Anna. MESQUITA, Rui. A teoria do discurso de Laclau e Mouffe e a pesquisa em Educação. **Educação e Realidade.** v. 38, n. 4, p. 1327-1349, 2013.